UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA LUIZ DE QUEIROZ

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS

011 670 – ESTÁGIO VIVENCIAL EM ENGENHARIA FLORESTAL

MANUTENÇÃO DE TRILHAS TURÍSTICAS E SELEÇÃO DE PONTOS INTERPRETATIVOS NO CAMBURI, PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR – NÚCLEO PICINGUABA

Rodrigo de Campos Macedo

Relatório parcial referente ao período julho–dezembro de 2003, orientado por Teresa Cristina Magro e supervisionado por Eliane Simões

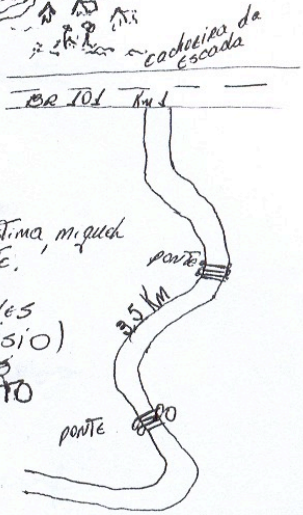
Piracicaba/SP

2003

11/12/002

VIVA O CAMBURI

VOCÊ FAZ PARTE DA NATUREZA



TRILHAS. SELVAGEM

PASSEIO. de BARCO

COMIDA. TIPICAS (CAMARÃO, JUSTINA, MIGUEL MARINA, ETC.

PRAIAS de SURF

HISTORIAS LOCAIS (INGLES (GENESIO)

VIVA NOSSA FLORA E ~~FAUNA~~ DANIATO

FAUNA. CAMBURY

CAMBURY PAZ E NATUREZA

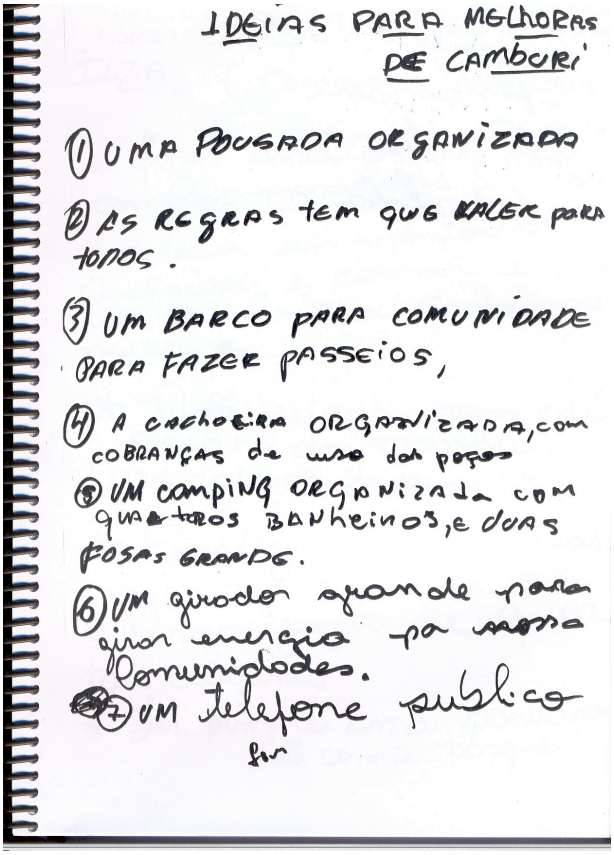
CAMBURY FLORA E FAUNA E MUITA PAZ.

CONSERVE CAMBURY FLORA E FAUNA MUITA PAZ

AGRADECIMENTOS

Imprescindíveis são os meus mais sinceros agradecimentos aos moradores do Camburi, atenciosos, sorridentes e principalmente, resistentes em um oceano de confusão de valores, conceitos e opiniões. Em pleno processo adaptativo ao tempo de mudanças, ocasionadas por um desenvolvimento prescrito em um modelo que não testemunharam. Aculturados por diversos fatores, desde a pregação evangélica, a sedução da urbe, a deturpação na mídia, os impactos da rodovia, as injustiças da máfia da grilagem e as restrições de um preservacionismo que ignora e subestima seus saberes e capacidades para a conservação da natureza. Enfim, se Euclides da Cunha escrevesse sobre o litoral, provavelmente diria que o caiçara é, antes de tudo, um forte.

Um forte abraço para Isaías, Cabeça, Joel Satanás, Joel, Muca, Fábio, Simão Preto e Gilsom, por terem me acompanhado nas trilhas; para a equipe administrativa do Núcleo Picinguaba – Cristo, Ditinho, Domingos, Israel, Creusa, Lúcia, Olinda, Sandra, Lica e Fernanda. Obrigado pelo abrigo, alimento, transporte e, principalmente, oportunidade. Também gostaria de agradecer à professora Teresa e ao pesquisador Alan Watson, por ótimos diálogos nas terras baixas e, principalmente, à Denise, pois sem ela eu nada conseguiria.


IDEIAS PARA MELHORAS DE CAMBURI

1. UMA POUSADA ORGANIZADA
2. AS REGRAS TEM QUE VALER PARA TODOS.
3. UM BARCO PARA COMUNIDADE PARA FAZER PASSEIOS,
4. A CACHOEIRA ORGANIZADA, COM COBRANÇAS de uso dos poços
5. UM CAMPING ORGANIZADA COM QUARTOS BANHEIROS, E DUAS FOSAS GRANDE.
6. UM gerador grande para gerar energia pa nossa Comunidades.
7. UM telefone publico

Figura 1 – Idéias para colocar "ordem na casa", indicando certa mobilização e sensibilização do morador do Camburi

CONTEXTUALIZAÇÃO...

O relativo isolamento sócio-político-econômico perdurou no Camburi até o final dos anos 1960, quando técnicos do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), no intuito de regularizar as terras e aumentar a arrecadação de impostos, chegaram ao Camburi, demarcaram lotes – contrariando completamente o modo de ocupação do espaço tradicional dos caiçaras – e passaram a cobrar impostos. Muitos caiçaras ficaram apavorados diante da impossibilidade, por falta de recursos, de pagar os tais impostos, acreditando que o governo poderia tirar a terra deles. Foi neste momento que chegaram os primeiros grileiros ofertando comprar as posses de terras, e passar a pagar os impostos, com a condição de deixar os moradores continuar vivendo ali. Alguns acreditaram e venderam suas posses. Outros resistiram ou foram expulsos com grande violência. O medo de perder suas terras para o Estado concretizou-se, de alguma forma, com a instituição do PESM, que passou a ser uma constante ameaça e transtorno aos moradores do Camburi.

A Fundação Itesp, em 6 de agosto de 2001, deu início ao processo de reconhecimento dos remanescentes da Comunidade do Quilombo do Camburi. A elaboração relatório técnico-científico está em curso e o levantamento dos dados genealógicos já foi concluído. Atualmente, está sendo realizado o mapeamento da área com a localização das posses, das casas e roças e a construção de um relato histórico da ocupação e do modo de vida dos moradores da comunidades a partir dos seus depoimentos.

RESUMO

O Camburi é a última praia do litoral norte de São Paulo. Encontra-se dentro dos limites do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba e do Parque Nacional da Serra da Bocaina, fato este que acarreta diversos conflitos entre seus moradores e a administração destas unidades de conservação.

Visando compatibilizar atividades de geração de renda, conservação de recursos naturais e as restrições existentes em unidades de conservação de proteção integral (uso indireto), foi proposto um programa de capacitação de monitores ambientais para os caiçaras residentes no Camburi.

Este trabalho consiste em levantar pontos interpretativos e prioritários para manutenção de trilhas turísticas, de forma participativa com os moradores locais, e realizar a elaboração de uma apostila de formação de monitores ambientais do Camburi.

Figura 2 – Praia do Camburi fotografada da Barra

Orientadora Responsável – Teresa Cristina Magro, Livre docente da Esalq – USP

Supervisora Responsável – Eliane Simões, Diretora do Núcleo Picinguaba – PESM

INTRODUÇÃO

O bairro do Camburi localiza-se ao extremo norte do município de Ubatuba/SP, fazendo fronteira com o município de Parati/RJ, e encontra-se integralmente dentro do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba (PESM – NP) e parcialmente dentro dos limites do Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB), ambos unidade de conservação de uso indireto.

O bairro enfrenta diversos problemas, como falta de energia elétrica, saneamento básico, linha telefônica, acesso pavimentado, etc. Atualmente 50 famílias residem no bairro, aproximadamente 320 pessoas, que encontram na pesca, na agricultura e mais tardiamente, no turismo, as principais formas de sustento.

Devido a grande beleza cênica e a presença de inúmeros atrativos naturais, como praias e montanhas, a atividade turística também tem se intensificado nos últimos anos, porém, de maneira desordenada e descontinuada ao longo do ano. Ainda assim tem sido importante complemento de renda para as famílias locais.

Por tratar-se de uma área localizada no interior de unidades de conservação de uso indireto (PESM e PNSB), há uma intencionalidade por parte das autoridades responsáveis, de implantar um programa de ecoturismo, envolvendo os moradores locais como monitores, potencializando a geração de renda, a conscientização ambiental e a busca de uma convivência mais harmoniosa entre os moradores locais e as instituições envolvidas.

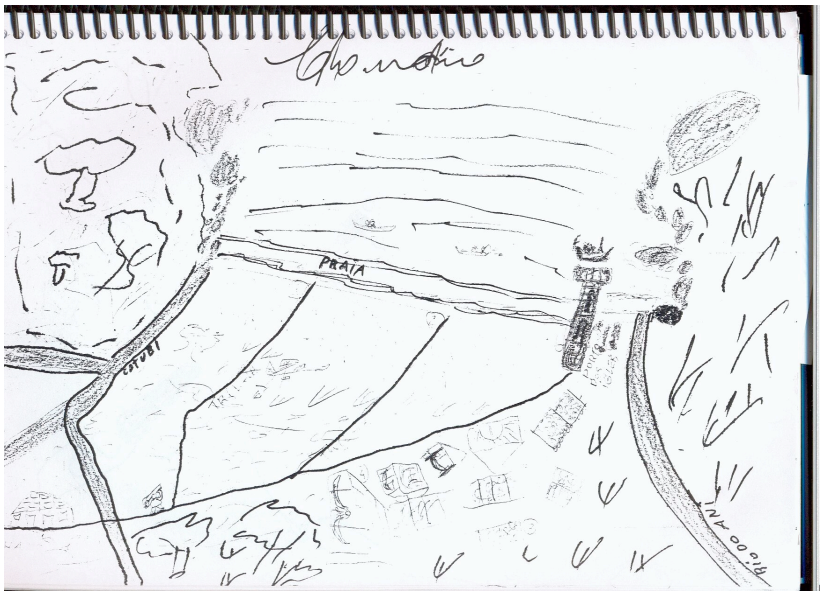


Figura 3 – Camburi
"entre rios"

As relações entre os moradores do bairro do Camburi e o PESM – NP sempre foram conflituosas, uma vez que as ações foram prioritariamente focadas na proteção dos ecossistemas ali presentes, e consequentemente, na proibição do uso dos recursos naturais pela comunidade local. Há o entendimento, por parte dos técnicos envolvidos, de que um programa de turismo deve ser implementado, porém com bastante restrições e normatizações , para não colocar em risco a conservação dos recursos naturais e da própria cultura local.

Nesse sentido o Projeto "Ecoturismo e Desenvolvimento sustentável: o Passaporte para o Futuro da Comunidade do Camburi" caracterizou-se como uma importante ferramenta para o ordenamento e incremento do turismo no bairro, além de atuar como agente agregador dos moradores locais. Ocorreram diversas ações participativas, visando a capacitação e o envolvimento dos moradores, tais como cursos, palestras, excursões, etc., baseando-se em um pressuposto de que, se a comunidade envolvida não assumir e valorizar a proposta, a probabilidade de haver resultados positivos é menor. Integrando-se as demandas da população local às atividades propostas, torna-se mais fácil a identificação com as mesmas (ORTIZ, 2003).

Além da capacitação em termos de conceitos ambientais, há a necessidade de se fortalecer os vínculos entre os próprios monitores, trazendo a tona discussões que envolvem desde a relação do bairro com o PESM, as relações entre os que se reconhecem remanescentes de quilombos, a população tradicional caiçara e os nascidos em outros municípios.

Maiores detalhes acerca da capacitação ambiental e dos pontos (para interpretação e manutenção),levantados participativamente, ver a apostila de capacitação ambiental.

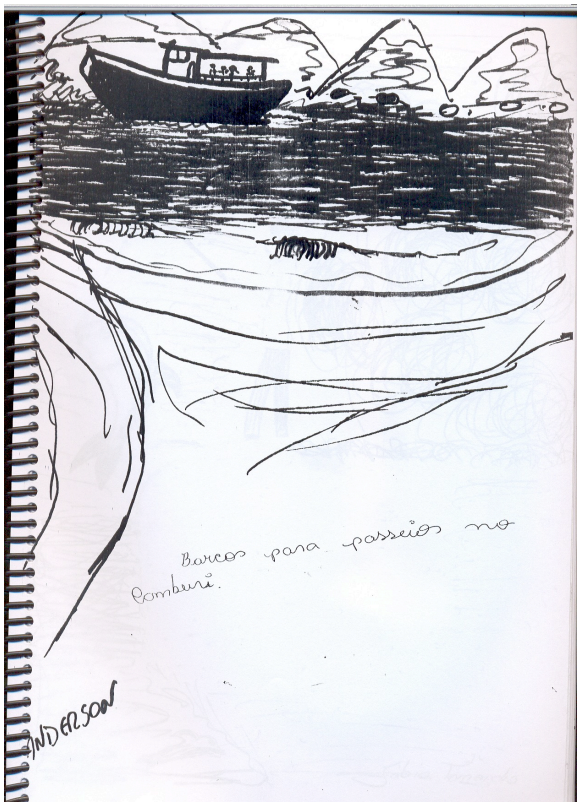


Figura 4 – Possibilidades de turismo como atividade econômica no Camburi

Atrativos naturais

Cachoeiras – Poço do Amor, Poços do Rio do Cedro, Cacheira Alta, Cachoeira da Escada

Praias – Camburi, Brava do Camburi (ou Praia das Couves), Praia da Grosa, Trindade (RJ)

Atrativos culturais

Rancho de pescadores – Inglês, Sr. Zé, Simão

Casa de farinha – D. Celina e seu Genésio

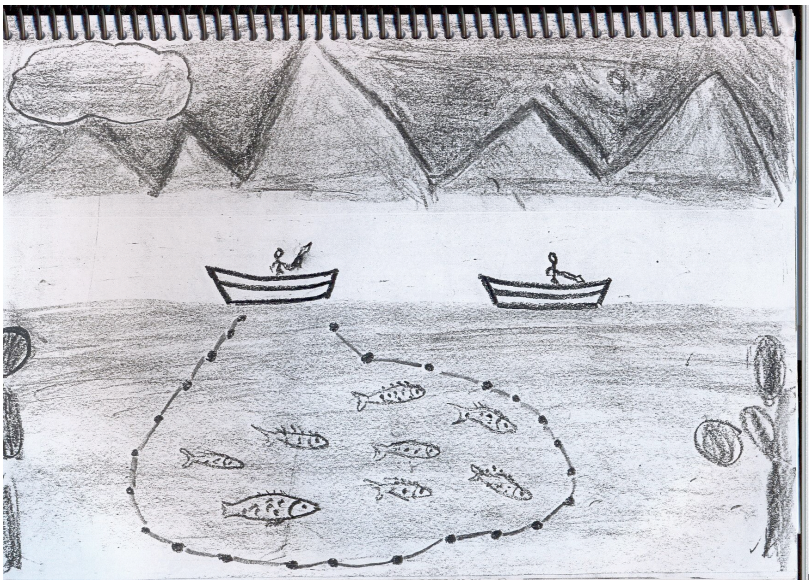
Artesanato – Escolinha do Jambeiro, outros moradores locais

Ruínas – Serraria dos Ingleses

Contador de estórias – Seu Genésio e Seu Moisés

Atrativos costeiros e marinhos

Marisqueira (cultivo de mexilhões comunitário). O visitante pode visualizar as técnicas usadas pelos moradores locais ou mesmo comprar os mariscos.



Cercos flutuantes (arte de pesca característica). Existem dois cercos no Camburi. O visitante pode acompanhar toda a operação de pesca e ainda conhecer *in loco* um pouco da biodiversidade de peixes do local.

Praiado – pequena extensão de areia que aflora quando a maré está baixa, formando uma pequena praia

Figura 5 – O Cerco retratado em papel

Cachoeira da Escada – com aproximadamente 15 metros de altura, possui degraus em sua formação rochosa e deságua no mar

Cachoeira do Alto – com aproximadamente 20 metros de altura, deságua no mar

Trindade (Piscinão ou Caixadaço) – Trindade é um vilarejo vizinho ao Camburi, que além de possuir algumas praias belíssimas, também tem uma piscina natural (delimitada por rochas que avança sobre o mar) excelente para tranqüilos banhos de mar. Esse passeio pode ser conjugado com um passeio terrestre.

Ilha das couves – Possui duas praias com águas claras e calmas, sendo uma excelente opção para mergulho Também é acessível por trilhas.

Além dos roteiros acima representados, existe também a possibilidade de conduzir grupos de pescadores amadores (que pescam exclusivamente com vara de pesca) para passeios voltados a esse propósito. Nesse caso os moradores se valerão do conhecimento que detém sobre os pesqueiros existente no local para guiar esses turistas.

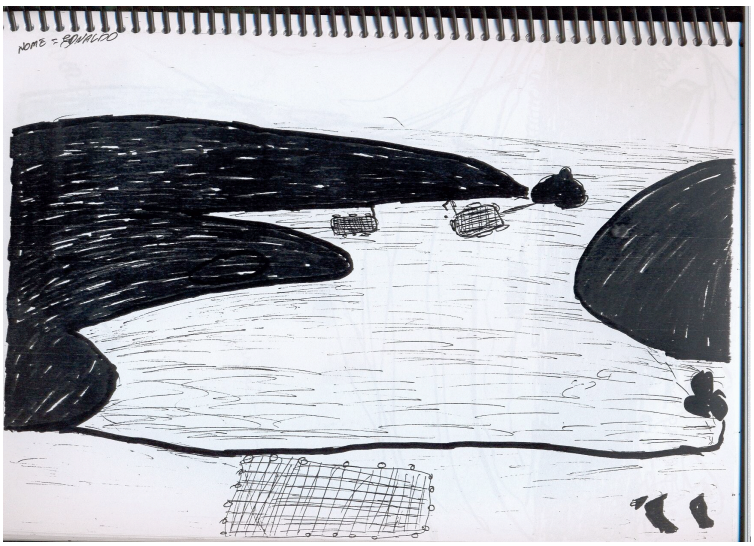


Figura 6 – Pesca no Camburi

Trilha da Praia Brava do Camburi

Trata-se de um antigo caminho pertencente a um verdadeiro complexo de trilhas, que interliga as diversas praias. Esta trilha também foi utilizada para a passagem de máquinas necessárias para construção da rodovia Mário Covas (BR 101) Aliás, diversos acessos à praias da região foram abertos em função da rodovia. Neste trecho específico, a trilha conecta a praia do Camburi com a Praia Brava do Camburi, também chama de Praia das Couves. Trata-se de uma praia com a baía voltada para o sul, portanto com ondulações mais fortes. Muito procurada por surfistas e ecologistas. Possui 1.420m de extensão e requer cerca de 1 hora para a travessia, apresentando nível intermediário de dificuldade.

Figura 7 – Início da Trilha da Praia Brava do Camburi

No caminho, há a praia do grosa, assim chamada porque as pedras são lisas, devido à erosão hídrica, assemelhando-se a uma superfície que fora “grosada”.

Figura 8 – Praia Brava do Camburi. Também chamada de Praia das Couves

Trilha dos Poços

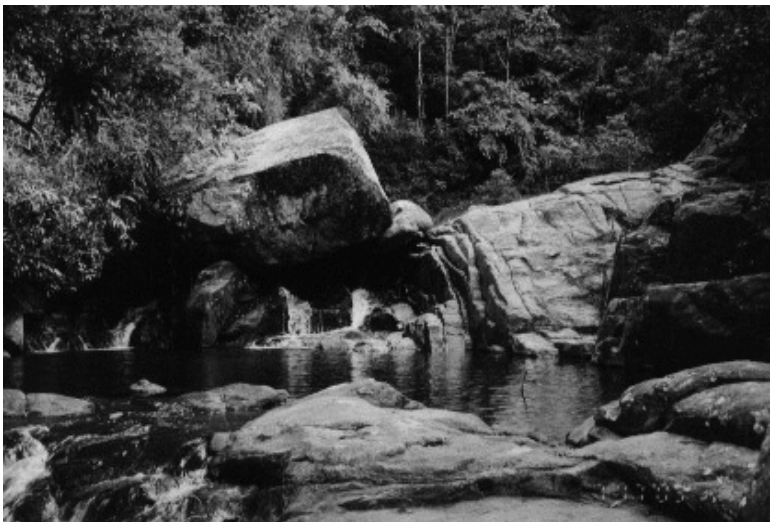


Figura 9 – Uma das recompensas ao final da Trilha dos Poços

Trata-se de uma trilha com 1.470m de comprimento, com duração de aproximadamente, uma hora e nível de dificuldade considerado fácil à médio. Por passar pelo interior do bairro, destaca-se as casas típicas de moradores locais e casas de farinha. Com certo apelo turístico, proporciona ao turista a oportunidade de conhecer uma área de quilombola. Há diversos atrativos, como a Barra, o Rio do Cedro e as três belas quedas d'água, com poços que permitem a natação.

Há, ainda as ruínas de uma antiga serraria (serraria dos ingleses), instalada no local no período colonial e responsável pelo corte/beneficiamento de madeiras de lei da região e importação para Parati, São Paulo, Santos e até mesmo, Europa.

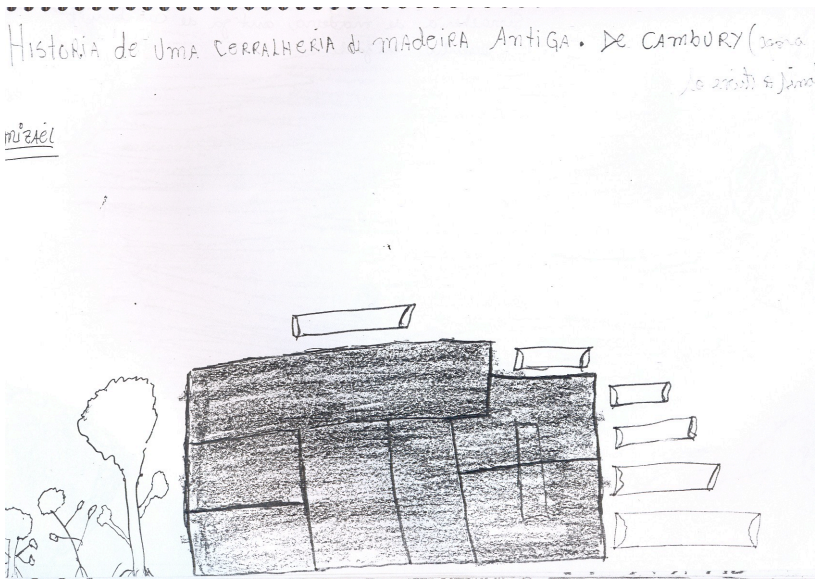


Figura 10 – Desenho retratando a serraria dos ingleses, ruínas de uma antiga serraria do período colonial, movida à energia hidráulica e responsável pelo corte, beneficiamento e transporte de madeiras de lei para grandes centros compradores

Como pontos interpretativos, destacam-se os seguintes:

Barra – na Barra havia a Pedra da Eva, de onde era possível mergulhar, já que, segundo os moradores mais antigos, possuía cerca de cinco metros de profundidade. Dizem eles que o manguezal era mais extenso. Atualmente, a área de mangue é bastante reduzida e resta apenas um "filete de água" desembocando no mar. Está completamente assoreada, devido à enorme quantidade de sedimentos trazidos pela ação da água e da gravidade.

Os rios Cedro e Catumbi, que desembocam neste local, auxiliam a evacuar os sedimentos morro-abaixo, gerados pela construção da rodovia BR 101, que passa a 240m de altitude, agravando-se ainda mais o processo de assoreamento. Há relatos de que o local era ótimo ponto de pescado. Atualmente, o pescador deve dirigir-se ao mar aberto para obter algum êxito na pesca. Acredita-se que são informações úteis para serem comentadas com o turista.

Quilombo – em processo de demarcação e oficialização, o Camburi abriga diversos remanescentes de quilombolas. Acredita-se que a mudança de categoria para quilombo, trará benefícios para o bairro, já que a área transforma-se de pública para área particular e de interesse coletivo, flexibilizando algumas práticas, como cultivos e criações animais.

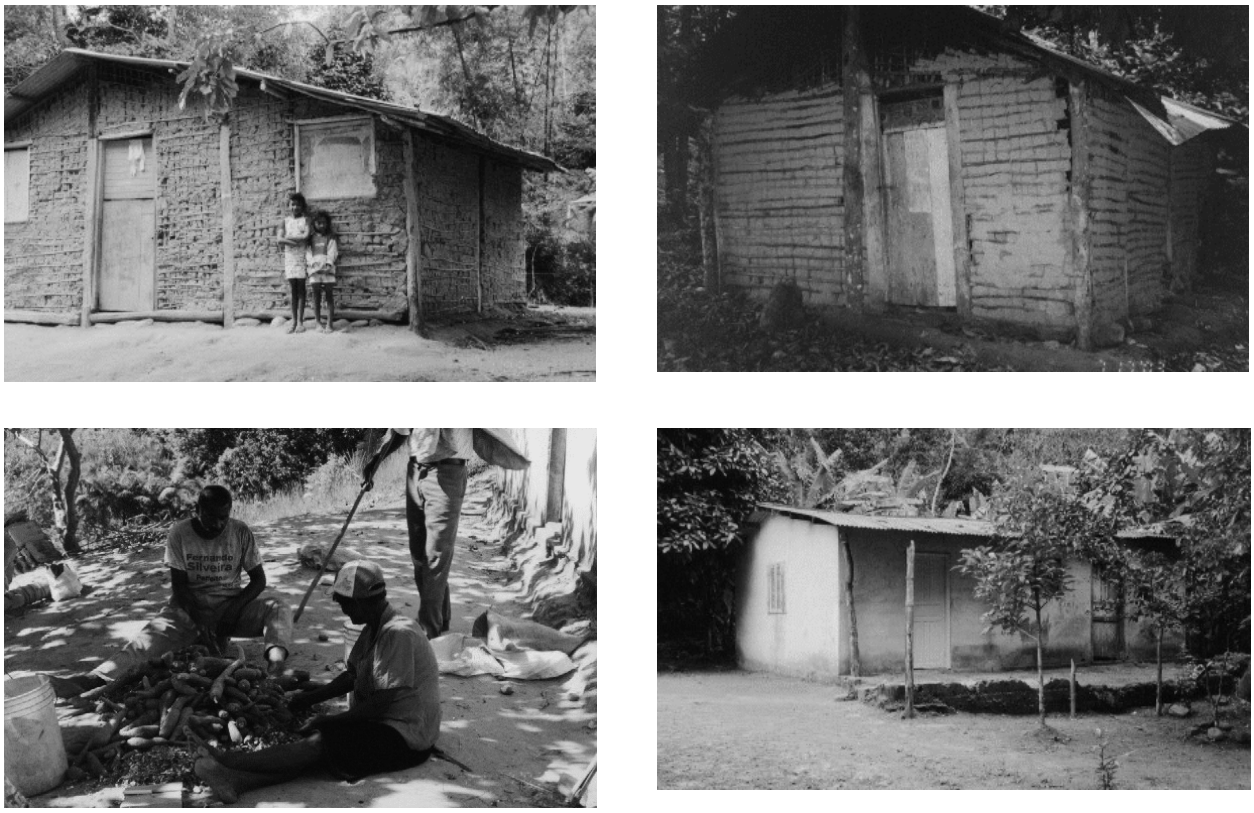


Figura 11 – da esquerda para a direita, em sentido horário: escolinha; casa de farinha; descascamento da mandioca; escolinha do Jambeiro, local de reuniões das associações que existem no bairro

Trilha da Toca da Josefa

Segundo os depoimentos dos moradores, Josefa foi uma escrava fugida que alojou-se no alto desta montanha (em uma gruta natural) e estabeleceu laços comerciais com os caiçaras, trocando-se caça por farinha de mandioca e outros produtos da terra, além de pescados. Josefa e outros escravos que se rebelaram com o cabresto representam força e resistência para os moradores do Camburi.

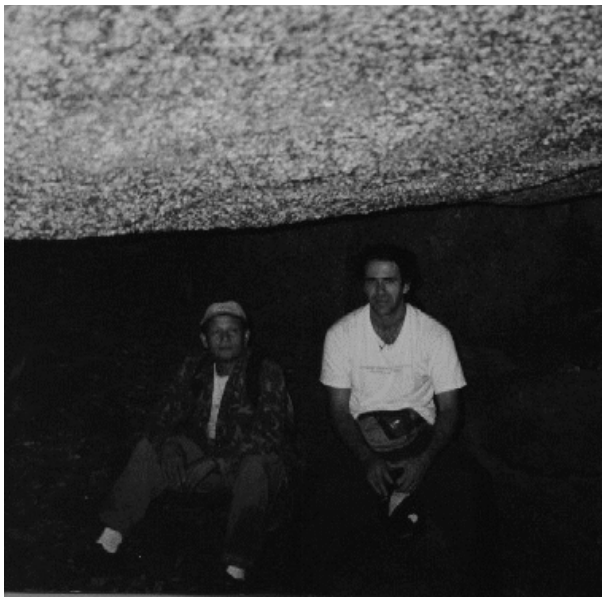


Figura 12 – Caiçaras descansando na Toca da Josefa

Esta trilha é o acesso à toca e possui 2.500m de comprimento e alcança 850m de altitude. Demora-se cerca de 3 horas para subir e descer e grande nível de dificuldade. Possui um mirante natural com uma maravilhosa vista da região do Camburi. Existem outras pedras menores nos arredores, igualmente bonitas, como a Toca do Souza, por exemplo.

Devido ao hábito de caça que Josefa praticava, o local possui algumas trincheiras remanescentes, potenciais para a abordagem de métodos tradicionais de captura e extração animal.

Além do mirante (localizado acima da toca de Josefa), a trilha possui os seguintes pontos interpretativos:

- Primeira toca – é bastante interessante pela curiosa e bela formação geológica. Um ótima metáfora para o respeito aos mais velhos
- Segunda toca – pode abordar a vida em ribanceiras, a formação do relevo regional, repleto de muralhas.
- Rio do Cedro. Ao cruzá-lo, há a necessidade de orientação quanto aos cuidados com a qualidade da água, que será utilizada logo abaixo, por moradores nativos.

Trilha Camburi-Trindade.

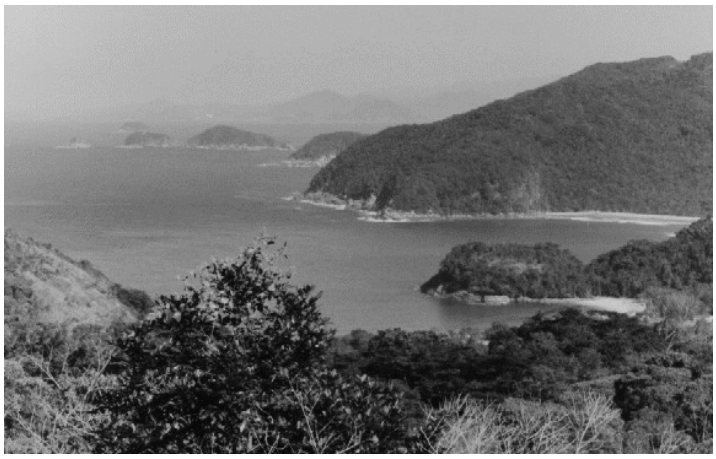


Figura 13 – Vista do início da Trilha Camburi-Trindade. é possível ver a Ilha das Couves, a Praia Brava, o Camburi, a propriedade dos Carmo, a Cachoeira da Escada, a Toca da Josefa, a BR 101 e a escola local

Caminho que liga São Paulo ao Rio de janeiro. Extensa e bastante bonita, com aspectos de altitude e vista para o mar. Possui 5.500m de comprimento e leva-se cerca de 4 horas para a travessia. Em seus pontos mais altos, possui cerca de 300m de altitude. Chegando-se à Vila de Trindade, há restaurantes locais com pratos típicos da cultura caiçara e um gostoso banho de mar. A trilha apresenta alto nível de dificuldade. Possui diversos atrativos, como mirantes, diversos brejos e ecossistemas relacionados com a água:

Algumas lendas

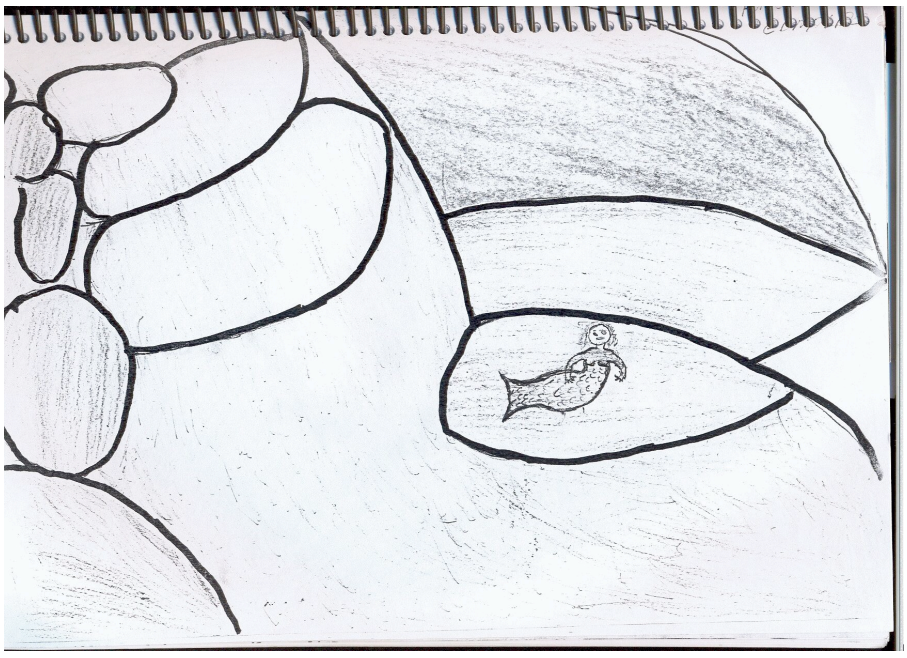


Figura 14 – Desenho retratando a Sereia da Cachoeira da Escada, uma das tantas lendas populares presentes no imaginário do nativo do Camburi

No Camburi, várias pessoas relatam que presenciaram algum tipo de "mal-assombro", principalmente na travessia Camburi-Trindade, permeada de entidades e aparições que *"assustava tanto que era comum perder as compras quando se transitava entre Picinguaba e Trindade"*.

Seu Genésio nos conta que, certa vez, em que Dona Benedita e Seu Manoel percorriam a trilha, havia duas foices cortando o mato. A Dona Benedita afirmou que via dois cidadãos roçando o mato, mas o Manoel não enxergava nada... Crendice popular ou não, Seu Genésio afirmou que muita coisa estranha aconteceu naquela trilha, principalmente num determinado trecho, apelidado de timbó. *"Certa vez saiu um ser do mato e assustou os outro. Ele tinha barba de brejaúva e vivia no mato"*.

A trilha sempre foi bastante utilizada, já que servia para o morador de Trindade vir até Picinguaba fazer as compras e vice-versa; servia também como rota para pescadores e caçadores. Porém, estes últimos poderiam ser punidos, caso exagerassem na quantidade de animais extraídos. Trata-se do **pai do mato**, que limitava a caça, *"pois quem pegava muito bicho, ele apavorava. Os caçador ouve uma corneta, quando vai procurá, vê um cão correndo atrás de um rato:*

– Boa noite! O sinhô tá caçando rato?!?

– Claro, pois num tem mais caça! Ceis tão acabando com tudo!

E com a mão, o pai do mato fez renascer as caças. No caso era um bando de porco do mato, que ficaram vivinho de novo".

Um ótimo exemplo de crendice popular atuando como um regulador moral e condicionante de hábitos.

Figura 15 – Desenho retratando o Pai do Mato, entidade espiritual que pune os que não respeitam a capacidade de suporte do meio, como explorar demasiadamente um recurso natural

Há também a **Toca do Zap**, um lugar que misteriosamente somem os cachorros do local. Recebeu este nome porque o primeiro cachorro visto preso lá chamava-se Zap. Ficou preso por 12 dias e reconheceu-o pelos latidos. *"A caça entra em sai, mas o cão quando cai não consegue sair. Tudo o quanto é cachorro do Camburi se danava"*. Segundo o Seu Genésio, calcula-se que mais de 80 cachorros, dentre eles Ventania e Tamboreto, ex-companheiros de trabalho e descanso do Seu Genésio.

O Poço do amor também é conhecido como toca do Mané Alves, um indivíduo que lá foi se esconder durante a revolução de 32, pois sabiamente, não queria ir lutar na guerra.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Cumprindo-se o plano de trabalho, foram executadas as etapas chamadas de trabalho de campo, ou seja, a visita e levantamento de pontos interpretativos e prioritários para manutenção em quatro trilhas potenciais para a recepção de turistas: Trilha dos Poços, Trilha da Praia Brava do Camburi, Trilha da Toca da Josefa e Trilha Camburi-Trindade. Os resultados encontram-se na **apostila de capacitação ambiental**, a ser publicada como apêndice do relatório final, em novembro/2003.

Os equipamentos utilizados no levantamento dos pontos foram: passômetro, altímetro, bússola e clinômetro – todos pertencentes ao PESM – Núcleo Picinguaba.

Com fins de obtenção de informações importantes para a interpretação, foram realizadas entrevistas com moradores locais, utilizando-se gravador e anotações. Diversas informações acerca das trilhas foram obtidas através destas entrevistas e, logicamente, com os próprios monitores.

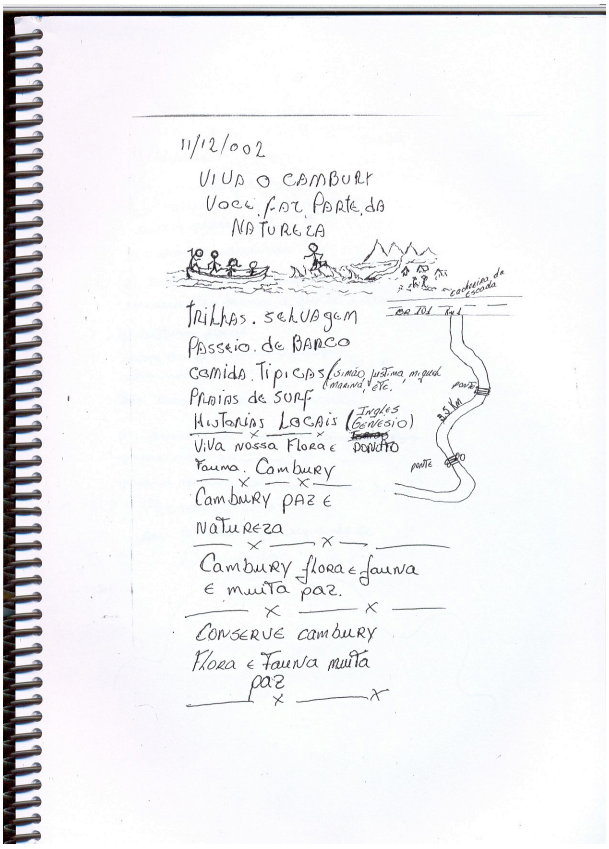
Figura 16 – Entrevista com Seu Genésio

Figura 17 – Entrevista com Seu Isaías

ECOTURISMO

O turismo é considerado uma indústria e, assim como os demais setores da economia moderna, depende da apropriação e exploração da natureza e das sociedades locais. Os exemplos de degradação ambiental e sociocultural decorrentes do turismo são abundantes, assim como o são para a agropecuária ou outro setores da indústria: a utilização não-sustentável até o esgotamento de suas fontes de matérias-primas e transferências para outros locais de exploração.

A indústria do turismo é a maior atividade econômica mundial. Segundo dados da Organização Mundial do Turismo da ONU, as atividades turísticas faturaram em 1994, US$ 3,4 trilhões; 10% do PIB mundial; gerou 204 milhões de empregos diretos e indiretos (um em cada nove trabalhadores) e pagou US$ 600 bilhões em tributos (11% do total de impostos coletados no planeta).



O turismo é uma atividade que vem demonstrando grande crescimento nas últimas décadas no Brasil e tem-se mostrado como interessante alternativa econômica para as regiões onde estão concentradas áreas naturais, valorizadas por ricos patrimônios histórico-culturais, caracterizando o chamado turismo ambiental, ou também ecoturismo. (Figueiredo, 1996).

Figura 19 – Expressão de desejo por atividades turísticas

De acordo com Western (1995) o ecoturismo não deve ser visto meramente como “uma pequena elite de amantes da natureza”, mas encarado como uma “viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da

população local". Para esse autor o Ecoturismo "é provocar e satisfazer o desejo que temos de estar em contato com a natureza, é explorar o potencial turístico visando a conservação e o desenvolvimento, é evitar o impacto negativo à ecologia, à cultura e à estética".

Além disso, Western (1995) nos propicia uma importante reflexão quando afirma: "Conservação e turismo que neguem os diretos e interesses das comunidades locais estão fadados ao fracasso, quando não considerados totalmente ilegais".

No que diz respeito ao turismo, segundo Mendonça (1995), pode-se afirmar, mesmo generalizando, que "onde há turismo há degradação ambiental. Onde o turismo é considerado desenvolvido, há concentração de grande número de pessoas que, na realidade, não se interessa muito pelo lugar visitado (por incrível que isso possa aparecer)".

O turismo pode apresentar alguns pontos positivos, como atuar como uma ferramenta positiva na proteção do patrimônio natural, histórico e cultural, estimular a educação formal e da capacitação profissional, incentivar a melhoria das infra-estruturas locais, contribuindo para o aumento da qualidade de vida das populações, ser um instrumento de fixação do homem à terra, oferecendo trabalho fora dos grandes centros urbanos e evitando o êxodo rural e, ser uma atividade geradora de empregos, aumentando as oportunidades de negócio e distribuindo renda diretamente na fonte produtora.

Mas também tem seu lado negativo. A falta de um planejamento turístico pode provocar sérios problemas, tais como depredação dos recursos naturais, impactos ambientais com alteração da paisagem e do sistema hídrico, descaracterização das tradições e da cultura regional e expulsão de comunidades de seu local de origem (marginalidade econômica).

Conhecendo os efeitos negativos que o turismo pode causar, governos, empresários e cidadãos partem hoje para uma nova postura, buscando na teoria do desenvolvimento sustentado, a melhor saída para o problema.

TRILHAS & INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL

A interpretação ambiental é uma técnica didática, flexível e moldável às mais diversa situações, que busca esclarecer os fenômenos da natureza para determinado público alvo, em linguagem adequada acessível, utilizando os mais variados meios auxiliares para tal. A interpretação procura promover sua transformação íntima em relação aos recursos

naturais, da sua compreensão e de seu entendimento, na esperança de gerar seu interesse, sua consideração e seu respeito pela natureza e, consequentemente, pela vida.

A interpretação ambiental possui vários princípios, sobre os quais devem-se pautar um programa a ser elaborado. Esses princípios, segundo Tilden (1957) são os seguintes:

a) qualquer interpretação que não relaciona, de alguma forma, o que se está exibindo ou descrevendo, com algo da personalidade ou experiência do visitante será estéril;

b) A informação, como tal, não é interpretação, pois são diferentes. A interpretação inclui a informação;

c) A interpretação é uma arte que combina com muitas artes e reúne materiais científicos, históricos ou arquitetônicos em suas apresentações. Como arte, é possível, em algum grau, ser ensinada;

d) O propósito principal da interpretação não é a instrução, mas sim a provocação (avivar a curiosidade e o interesse);

e) A interpretação dirigida às crianças não deve ser um desmembramento da apresentação para adultos, mas sim, ter programas e apresentações específica;

f) A interpretação deve apresentar os fenômenos na sua totalidade, evitando a fragmentação.

Os esforços interpretativos não devem ser orientados somente para um tipo de visitante “médio”, padronizado, mas deverão cobrir um amplo espectro, de tal forma que se satisfaçam interesses específicos e idades determinadas.

As trilhas interpretativas da natureza podem ser guiadas ou autoguiadas. A trilhas autoguiadas são atividades interpretativas em um caminho específico, ao longo do qual o usuário é autônomo em relação à interpretação de certos aspectos explicados por vários meios, enquanto que a trilha guiada é realizada por um grupo de pessoas acompanhado de um guia ou intérprete. Este guia vai interpretando verbalmente o aspectos mais importantes da trilha, ao mesmo tempo em que estimula a participação do grupo, o uso dos sentidos, etc.

Vantagens

- Se bem executada, é economicamente viável;
- O passeio pode se adaptar a condições climáticas, eventos imprevistos, ao tamanho do grupo, etc;
- O programa (conteúdo, percurso, etc.) pode ser mudado de uma temporada para outra sem custo extra;
- O visitante pode obter respostas às suas dúvidas;
- O nível de interpretação é adaptável ao usuário;
- Devido ao pontos “d” e “e”, a qualidade da mensagem é considerada alta;
- Requer um custo de capital relativamente baixo.

Desvantagens

- A qualidade da mensagem depende da habilidade e conhecimento do guia;
- O passeio pode ficar congestionado de pessoas, o que afetaria negativamente a mensagem;
- Pode ser um meio caro no caso de um mau planejamento do uso pessoal;
- Os passeios guiados têm de ser feitos com reduzido número de pessoas.

Tipos de passeios guiados (segundo Grater, 1976)

a) passeio natural geral: o intérprete percorre um caminho desde um ponto de partida até outro que marca o final do percurso, sem estruturar paradas ou atividades fixas; as pessoas vão sugerindo de açodo com suas motivações ou pelo que o caminho oferece.

b) passeio natural temático: o intérprete fixa paradas com antecedência. Esta modalidade dá coerência ao passeio mas não dá muitas oportunidades para a participação e descobrimento do próprio público.

c) Passeio específico: objetiva satisfazer interesses especiais dos usuários, como por exemplo a observação de aves, flores. Fósseis, prática de fotografia etc.

As áreas onde o ecoturismo é desenvolvido devem possuir facilidades e infra-estruturas próprias, tendo nas trilhas interpretativas da natureza importante instrumento de apoio para esse tipo de atividade.

Um sistema de trilhas é formado por um conjunto de caminhos e percursos construídos com diversas funções, desde a vigilância ao turismo. Dentre os objetivos de um sistema de trilhas está a interpretação da natureza, ferramenta indispensável para o manejo de Unidades de Conservação, pois desperta nos visitantes a idéia da importância da Área Silvestre.

Para Hypki & Loomis (1981) as trilhas interpretativas não servem apenas para a comunicação de fatos e datas, mas também para a compartilhar experiências que levem os visitantes a apreciar, entender e cooperar na conservação de um recuso natural.

Assim, pode-se concluir que cada uma das unidades apresenta um caráter essencialmente estável e homogêneo. A homogeneidade dentro das unidades e a heterogeneidade entre elas serão úteis para prognosticar o efeito de futuros projeto sobre o ambiente, como por exemplo a implantação de um sistema de trilhas voltado para o Ecoturismo.

As técnicas de avaliação e monitoria das condições de trilhas contribuem na redução de custos de manutenção das trilhas. Avaliando e monitorando as trilhas podem-se tomar medida preventivas antes que ações de reparos mais custosas sejam necessárias.

CONCLUSÃO

As praias estão atulhadas de empreendimentos imobiliários desorganizados que expulsam a população nativa, destroem a natureza e oferecem imóveis aos compradores muitas vezes inferiores aos apresentados na publicidade por ocasião do lançamento (Trigo, 1996).

A preocupação com a implantação de um Programa de Turismo no Camburi é válida e extremamente importante, valendo-se dos planos de manejo das UCs em questão e, obviamente, dos profissionais envolvidos.

O trabalho de Negreiros et al. (1974), já demonstrava na década de 70 aumento na demanda e afluência de público em parques estaduais e exemplificava o caminho realizado para o manejo do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, que contemplou em seu Programa de Desenvolvimento os seguintes itens: recreação, acampamentos, centro de

visitantes, trilhas naturais orientadas, sinalização, história viva, entre outros aspectos. No entanto, ainda são poucas as UCs que possuem planos implantados e muitos deles são questionáveis e, no geral, a população local é vista apenas como mão-de-obra barata para as UCs.

É melhor verificado um resultado positivo quando a comunidade se apropria do conhecimento e dos objetivos do trabalho integrado, passa a atender a sua realidade, e possibilita uma ação criativa e consciente da mudança social – que é fornecer respostas aos problemas concretos da vida diária, no tocante às questões ambientais da sua comunidade e da importância das UCs (Bernardes & Martins, 1988).

A interpretação procura promover neste público o sentimento de pertinência à natureza, na esperança de gerar seu interesse, sua consideração e seu respeito pela natureza e, consequentemente, pela vida.

Outro aspecto importante é a necessidade de se garantir um processo de aproximação consciente entre os técnicos de órgãos públicos, os ambientalistas e as populações locais, de modo a minimizar o conflito disseminado de que a preservação é incompatível ao processo de desenvolvimento (Figueiredo et al., 1992). Realça-se também o papel que os ambientalistas têm quanto à participação no processo de buscar formas alternativas de desenvolvimento econômico adequadas às regiões onde atuam.

É preciso, portanto, superar a visão de natureza como objeto de adoração, ou mesmo de consumo, de modo a minimizar o conflito de que a presença de moradores no interior das UCs é incompatível. Por outro lado, precisa-se ter clareza da situação concreta, identificando as populações que vivem há várias gerações em contato direto com a área, e que tiram o seu sustento e desenvolvem mecanismo de sobrevivência da sua relação com a paisagem local. Precisa-se urgente da elaboração de um modelo próprio que compatibilize a conservação ambiental com a conservação das culturas locais.

Verifica-se, em São Paulo, interessante exemplo de intercâmbio com a população local no trabalho de Leonel et al. (1992), que consideraram, no plano de manejo da Fazenda Intervales (Parque Estadual de Intervales), o aproveitamento de recursos humanos locais e seu treinamento para a formação de monitores que atenderiam ou participariam das atividades de manutenção, pesquisa, ecoturismo e educação ambiental.

Deve-se, entretanto, tomar cuidado com o processo de invasão cultural, evitar a geração de conflitos quanto aos pontos de vistas e, essencialmente, realizar um trabalho *com* as populações envolvidas e não *para* elas. Destaca-se que esse deve ser o cerne para

um trabalho educativo que vise a formação de agentes multiplicadores para atuar no manejo de áreas protegidas.

Sugere-se que os administradores de UCs e os empreendedores do ecoturismo não só respeitem os moradores locais, mas que os reconheçam com agentes transformadores e parceiros, garantindo a proteção ambiental e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de opções de emprego, educação e lazer, sem deixar, por outro lado, que percam sua essência, suas raízes e seus valores. Esse deve ser o compromisso dos profissionais preocupados com o incremento do turismo ambiental.

Para ter uma relação mais intensa com um lugar é preciso vivenciá-lo. É preciso ter outra relação com o tempo. É preciso que o turismo possibilite alguma relação mais direta, em que a vivência representa uma relação de troca, de aprendizado e de respeito. Muitas vezes, a melhora da qualidade da percepção requer conhecer melhor as características ambientais locais. O turismo pode possibilitar isso. Só a vivência pode levar ao afeto, que finalmente levará ao respeito e à solidariedade com as populações atuais e futuras.

Para haver êxito no alcance dos objetivos, é necessário o fortalecimento das organizações representativas e um melhor relacionamento entre elas, a saber: Associação amigos de Bairro do Camburi, Associação de Monitores do Camburi e Associação do Quilombo do Camburi. É imprescindível esta convivência harmoniosa na comunidade, pois haverá geração de renda e utilização de materiais e equipamentos coletivos. Quanto ao PESM, é de grande interesse que exista uma relacionamento amigável, caso contrário as restrições dificilmente serão atendidas.

Acredita-se que uma maior integração entre moradores locais, PESM, Prefeitura Municipal de Ubatuba, pesquisadores e turistas, possibilitará um diálogo e uma caminhada sadia em busca da compatibilização dos interesses.

Observação: todos os desenhos foram extraídos do Volume III do Relatório Técnico Final do projeto Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável: O Passaporte para o Futuro da Comunidade do Camburi – março de 2003; todas as fotografia foram tiradas por Rodrigo de Campos Macedo durante a execução das atividades de campo.

BIBLIOGRAFIA

BERNARDES, M. T.; MARTINS, M. C. C. Orientações e estratégias para a formulação e implantação de projetos de educação ambiental para as comunidades vizinhas às unidades de conservação. Brasília: IBDF/Coplan, 1988.

FIGUEIREDO, Luis Afonso Vaz de; SILVEIRA, M. ; AUGUSTO, I. A. "O meio ambiente prejudicou a gente": uma proposta de educação ambiental para desvelar a pedagogia de um conflito. In: Fórum Nacional de Educação Ambiental, 2, abr./maio 1992, São Paulo. Anais. São Paulo: Cecae/USP, 1992.

FIGUEIREDO, Luis Afonso Vaz de. Ecoturismo e Participação Popular no Manejo de Áreas Protegidas: Aspectos Conceituais, Educativos e Reflexões. In: RODRIGUES, Adyr Balastreri (org.). Turismo e Ambiente – Reflexões e Propostas. Ed. Hucitec. Coleção Geografia: Teoria e Realidade. 1997

GRATER, R. K. The interpreters Handbook. JACKSON, E. (ed.), Southwest Parks & Monuments Association, USA, 1976

HYPKI, C. M.; LOOMIS, T. E. Manual para la interpretación del ambiente en áreas silvestres. Costa Rica: CATIE, 50p., 1981.

LEONEL, C. Capacitação de monitores de campo da Fazenda Intervales. In: Congresso Nacional sobre Essências Nativas, 2, mar., 1992. São Paulo. Anais. São Paulo: IF/SMA, 1992.

MENDONÇA, Rita. Turismo ou Meio Ambiente: Uma Falsa Oposição? In: LEMOS, Amália Inês G. de, (Org.). Turismo – Impactos Socioambientais. Editora Hucitec. 1995

NEGREIROS, O. C. et al. Planos de manejo para o Parque Estadual da Ilha do Cardoso. Bol. Técn., São Paulo. 1974

OLIVEIRA, Leynad Ayer de (org). Quilombos – a hora e a vez dos sobreviventes. Comissão Pró-Índio de São Paulo. 1ª Edição – 2001

ORTIZ, Patrícia (org). Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável: O passaporte para o Futuro da Comunidade do Camburi. Relatório Técnico Final. Março de 2003

PAGANI, Maria Inez; SCHIAVETTI, Alexandre; MORAES, Maria Eugênia Bruck de; TOREZAN, Fábio Henrique. As Trilhas Interpretativas da Natureza e o Ecoturismo. In:

LEMOS, Amália Inês G. de, (Org.). Turismo – Impactos Socioambientais. Editora Hucitec. 1995

TILDEN, F. Interpreting our Heritage. Chapper Hill: The University of North Carolina Press, 1957

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Turismo e Qualidade – Tendências Contemporâneas – 2ª Edição Coleção Turismo – Editora Papirus. 1996

WESTERN, D. Definindo o ecoturismo. In: Lindberg, K. & Hawkins, D. E. eds. Ecoturismo: um guia para o planejamento e gestão. São Paulo: Senac, 1995.

7. Precisamos de placas no bairro e nas trilhas? Quais? desenhe as placas e os dizeres que vocês acham necessários.
POR VAVOR
LEVE SEU
LIXO
NÃO JOGUE
LIXO NA
CACHOEIRA
NÃO FAÇA
CÔCÔ NO
CAMINHO